

---

### 3 O PRECONCEITO CULTURAL E LINGUÍSTICO ENRAIZADO ENTRE REGIÕES DO BRASIL

**Juscélia Santos Xavier**

Bacharela em Administração pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Especialista em Gestão Pública pela Universidade Aberta do Brasil - UNEB/UAB. Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual de Monte Claros - UNIMONTES. Especialista em Língua Latina e Filologia Românica pela Faculdade Única - Grupo Prominas. E-mail: [jusceliajuh.santos@gmail.com](mailto:jusceliajuh.santos@gmail.com)

#### RESUMO

O presente artigo busca analisar o preconceito cultural e linguístico enraizado na sociedade desde o Brasil colônia. Sabe-se que as diferenças linguísticas e culturais ocorrem entre regiões, classes sociais, níveis de escolaridade e faixas etárias. Dessa forma, quem tem um elevado grau de instrução acham-se detentores da norma culta e desprezam os que são desprovidos de uma catequização ditada pela norma-padrão. O Nordeste sempre foi considerado pelos sulistas como uma região culturalmente inferior. O etnocentrismo define as atitudes de alguns indivíduos que consideram seus hábitos superiores à outras culturas. As regiões Sul e Sudeste são tidas, até os dias de hoje, como as mais desenvolvidas, economicamente e culturalmente, isso devido ao processo histórico pelas quais passaram desde o Brasil Colônia. As regiões Norte e Nordeste, desde sempre, sofreram preconceitos no aspecto social e cultural, em que sempre foram caracterizadas como locais subdesenvolvidos e atrasados economicamente. No âmbito metodológico, a pesquisa é de cunho bibliográfico, em que buscou-se apoio em autores como (GOMES, 2006), (BAGNO, 2006), (BAGNO, 2009), (RIBEIRO 1995), (LABOV, 1982) entre outros. Sendo assim, o objetivo do trabalho é justamente identificar os fatores que levam a região Nordeste do Brasil ser classificada como culturalmente inferior pelo ponto de vista da sociedade como um todo, como também, evidenciar imagens preconceituosas propagadas em redes sociais.

**Palavras-chave:** Cultura. Língua. Preconceito. Regiões.

## ABSTRACT

This article seeks to analyze the cultural and linguistic prejudice rooted in society since colonial Brazil. It is known that linguistic and cultural differences occur between regions, social classes, educational levels and age groups. Thus, those who have a high level of education are holders of the cultured norm and despise those who lack a catechization dictated by the standard norm. The Northeast has always been considered by the southerners as a culturally inferior region. Ethnocentrism defines the attitudes of some individuals who consider their habits to be superior to other cultures. The South and Southeast regions are considered, until today, as the most developed, economically and culturally, this due to the historical process that they went through since Colonial Brazil. The North and Northeast regions have always suffered prejudices in the social and cultural aspect, in which they have always been characterized as underdeveloped and economically backward places. In the methodological scope, the research is of a bibliographic nature, in which support was sought from authors such as (GOMES, 2006), (BAGNO 2006), (BAGNO 2009), (RIBEIRO, 1995), (LABOV,1982) among others. Thus, the objective of the work is precisely to identify the factors that lead the Northeast region of Brazil to be classified as culturally inferior from the point of view of society as a whole, as well as to show prejudiced images propagated in social networks.

**Keywords:** Culture. Language. Preconception. Regions.

### 3.1 INTRODUÇÃO

A Cultura brasileira é amplamente diversificada, pois trata-se de costumes, crenças, hábitos e valores de uma determinada localidade como forma de organização social. O Brasil, por ser considerado um país subdesenvolvido, as diferenças sociais são muito destacadas. É notório que as classes sociais mais abastadas se acham detentoras do conhecimento erudito e dessa maneira discriminam os que não possuem um grau elevado de escolaridade.

Em um país vasto como o Brasil, as diferenças culturais são enormes entre as regiões, muitas são classificadas como superiores e outras são tidas como culturalmente inferiores. São Paulo, o estado mais rico do Brasil, é o mesmo que abriga uma massa grande de nordestinos, que saem de sua região em busca de melhores condições de vida, o que contribui, ainda mais, para alavancagem do preconceito regional.

O Brasil se caracteriza por possuir um povo miscigenado, fruto da aproximação que se desenvolveu desde os tempos de colonização, a qual, não foi, necessariamente, um processo amistoso entre colonizadores e colonizados, entre brancos e índios e entre brancos e negros.

Com vista nisso, sabe-se que Portugal explorou o Brasil de forma a explorar as riquezas, causando graves cicatrizes na composição do país. As regiões Norte e Nordeste sofreram em demasia com este modelo de exploração, seus efeitos foram mais fortes nessas regiões. Toda a riqueza foi levada para a Corte Portuguesa, não houve qualquer interesse em desenvolver a colônia, apenas explorá-la, e até os dias de hoje, os brasileiros sentem os resultados de uma colonização opressora.

Nesta perspectiva, há de se observar que os processos históricos são fundamentais para a compreensão das diferenças culturais. Dessa forma, fica evidente que é equivocado pensar que há culturas superiores ou inferiores, mas sim diferentes, com processos históricos também diversos, os quais proporcionaram organizações sociais com determinadas peculiaridades, o que impossibilita uma sociedade totalmente homogênea.

Por meio desta visão, pode-se entender que o que ocorreu foram processos históricos diferentes, visto que a Região Nordeste foi a primeira a ser explorada pelos portugueses, o que ocasionou alguns retrocessos econômicos, foi nesta região que os negros pisaram pela primeira vez, deixando um patrimônio riquíssimo que muitas vezes é mal compreendido pelos habitantes do Brasil, principalmente do Sul e Sudeste.

Neste contexto, há de se observar que a democracia racial não existe no Brasil, apesar de haver uma mistura étnica, pois há uma falsidade neste sentido, pois há um racismo velado,

implícito em nosso meio social. A comunidade negra, bem como os nordestinos ainda hoje, são vítimas deste tipo de racismo e preconceito ocultos.

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo primordial identificar, a partir de uma revisão de literatura, os fatores que levam o preconceito cultural e linguístico entre as regiões do Brasil, bem como, serem classificados como culturalmente inferiores pelos sulistas, e posteriormente analisar as expressões desse preconceito cultural atualmente, a partir da sua expressão em redes sociais.

## 3.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 3.2 1 Fatores históricos: a procedência do preconceito contra os nordestinos

Costa *et al* (2011) evidencia vestígios acerca do preconceito com as regiões Norte e Nordeste como um fato antigo e tem raízes no racismo, especialmente porque negros e descendentes de índios compõem grande parcela da população das regiões norte e nordeste e são tidos como povos economicamente e culturalmente atrasados. A comparação com os imigrantes europeus e a maioria branca do Sul e Sudeste desenha um quadro de gritantes diferenças sociais, linguísticas, econômicas e Culturais.

Descrevendo a característica do racismo Darcy Ribeiro (1995, p. 225) nos diz que:

A característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor da pele. Nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre eles e, afinal, a serem tidos como brancos. A definição brasileira de negro não pode corresponder a um artista ou a um profissional exitoso. Exemplifica essa situação o diálogo de um artista negro, o pintor Santa Rosa, com um jovem, também negro, que lutava para ascender na carreira diplomática, queixando-se das imensas barreiras que dificultavam a ascensão das pessoas de cor. O pintor disse, muito comovido: “Compreendo perfeitamente o seu caso, meu caro. Eu também já fui negro”.

O Nordeste, por muito tempo, foi considerado uma região próspera. A escravidão de negros e índios proporcionou o enriquecimento de grandes produtores de engenho na época do advento da cultura da Cana-de-Açúcar. É a região onde se concentra o maior número de negros, foi a primeira em que os portugueses habitaram e se tornou economicamente importante para o Brasil devido a cultura da Cana-de-açúcar e do Pau Brasil.

A região Sudeste não apresentava tal relevância, pois era pouco explorada. Somente após a mineração, a cultura do café e a transferência da Capital de Salvador para o Rio de Janeiro é que o Sul e Sudeste do Brasil passou a ter relevância. O Nordeste passa a ser esquecido.

A região sudeste do país torna-se a grande promessa de melhores condições de vida. A industrialização causa um fluxo de migração dos nordestinos para essa área, pois o Nordeste era caracterizado como sinônimo de atraso. A representação do Nordeste é sempre associada ao atraso, à pobreza, à miséria e na outra ponta, o Sudeste, que representava o motor da economia, a imagem da modernidade, camuflou a dinâmica regional que permite a compreensão da mobilidade dos nordestinos para São Paulo (GOMES, 2006, p. 143).

A industrialização na região sudeste, principalmente em São Paulo, a partir de 1930, começa a acirrar ainda mais as diferenças em relação ao Norte e Nordeste, pois a seca e os problemas da fome e miséria faz com que os nordestinos migrem para o Sudeste em busca de melhores condições de vida.

O Estado de São Paulo passa a ser o centro econômico do país, como também, começa a receber nordestinos em busca de emprego e uma vida mais digna, porém os paulistas começam uma onda de rejeição e preconceito que perduram até os dias de hoje. O nordestino, em busca de melhores condições de vida, começa a participar da formação do povo paulistano.

O preconceito não se limitava apenas no caráter econômico, mas também no aspecto linguístico, pois o analfabetismo dos nordestinos cria uma comunicação particular entre eles, como também acirra o preconceito com as demais regiões do Brasil. O analfabetismo é um problema que marca o sertão, e criando a sua própria linguagem eles conseguem se comunicar, mesmo fora dos padrões da norma culta.

Os folhetins traziam os versos de cordel, mas como a maioria da população era analfabeta, os narradores contavam as histórias: “Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenomes, com histórias ouvidas na infância, histórias de cangaceiros, de coronéis, de milagres, do sertão místico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 130).

Segundo Bagno (*apud* Costa *et al.*, 1999), a fala nordestina passa a ser retratada como algo grotesco, rústico, atrasado, criado para criar risos entre as pessoas. O choque cultural acaba causando o preconceito linguístico entre as duas culturas. O Sudeste é considerado como o lado moderno, industrializado, por isso o restante do país precisa se adequar ao padrão estabelecido.

Costa *et al* (2011) aponta que:

A migração traz como consequência uma modificação e incorporação de novos elementos à cultura local, onde esse contato provoca a absorção de uma cultura pela outra, gerando uma nova cultura com traços da cultura inicial e da absorvida. Assim a cultura nordestina procura se adequar ao modelo sudeste.

Quando a autora afirma que o Nordeste procura se adequar ao modelo Sudeste, é importante ressaltar que o Estado que mais recebeu e disseminou o preconceito contra o nordestino foi e ainda é, São Paulo. E dessa forma, os nordestinos ajudaram a compor sua cultura, gerando novos costumes. A maior parte dos paulistas são descendentes de nordestinos devido a força de sua migração em massa.

### 3.3 AS CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS DE MARCOS BAGNO

Marcos Bagno, um dos maiores linguistas da atualidade, exemplifica bem em “A Língua de Eulália”, que não existe língua certa ou errada, mas sim, línguas diferentes. Toda língua varia, não falamos o mesmo português de Portugal e nem falamos o mesmo português do século XII. A língua é mutável (BAGNO, 2006, p. 18-19).

Conforme a teoria de Bagno (2006, p. 17), o Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais.

Bagno (2006, p. 21) evidencia que o Brasil é constituído de diversas etnias, sendo assim, é praticamente impossível manter a língua intacta, sem que haja mudança conforme o tempo. Ainda explicita que não existe nenhuma língua que seja uma só, o que temos são variações linguísticas.

O preconceito linguístico entre classes sociais distintas se dá pelo juízo de valor negativo às variedades não padrões da língua. Bagno afirma que esse preconceito é dirigido às classes sociais menos favorecidas, as quais têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária. A sociedade brasileira está imersa visivelmente a uma separação cultural e linguística, o que desencadeia o discurso de ódio e se dissemina entre diferentes classes sociais e regiões do país, por simplesmente haver variedades linguísticas e culturas diferenciadas (BAGNO, 2003, p. 194).

Em *A Língua de Eulália*, Bagno faz uma importante analogia quando diz que, se alguém ao invés de dizer “*cavalo*” diz “*cafalo*”, este sim estará cometendo um erro, pois esta forma não é registrada em nenhuma variedade do português do Brasil. Mas dizer “*pranta*” no lugar

de “*planta*” não é um erro, mas sim um fenômeno chamado rotacismo, que acontece em várias regiões do país e que participou da formação da língua portuguesa padrão ao longo dos séculos (BAGNO, 2006, p. 35-36).

Os detentores da fala erudita, talvez não percebem, que bem como alega Bagno (2006), a língua, além de variar geograficamente, varia no espaço e no tempo, pois a forma como falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada no início da colonização e será diferente da língua falada dentro de trezentos anos.

A norma - padrão, por ser de prestígio social é tratada como a língua correta, e as demais como inadequadas, erradas ou deficientes. No começo do século XX, como a elevação econômica do estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, fez com que este triângulo começasse a ser um modelo imitado, a norma-padrão a ser seguida, estabelecendo o português padrão do Brasil.

Partindo deste ponto de vista, as variedades de outras regiões e classes sociais mais baixas são consideradas inadequadas, deficientes, erradas ou grosseiras. O “R” caipira é muitas vezes ridicularizado pelos moradores das cidades grandes, embora abranja grande parte do interior do Sul e Sudeste.

Marcos Bagno atenta para o fato de que a norma não - padrão da língua é falada pelas pessoas que não tiveram acesso à escola de qualidade, são as que fazem parte das classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela injustiça social que impera no Brasil, país que tem a pior distribuição de renda do mundo (BAGNO, 2003, p. 194).

O Português não - padrão é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre as pessoas oprimidas. Mesmo as próprias escolas propagam o preconceito, assim como veem os alunos menos favorecidos que chegam falando o português não - padrão como linguisticamente deficientes.

O português não - padrão é inovador, é passado de geração em geração, é mutável, evolui com o tempo. Já o português padrão é engessado, conservador e não permite mudanças, embora elas aconteçam de qualquer maneira com passar dos anos, pois assim como o latim vulgar se sobressaiu sobre o latim erudito, a norma não padronizada da língua se sobressairá.

O interessante é que, como bem enfatiza Bagno, quando há rejeição da norma não - padrão, os falantes da norma - padrão querem deixar claro que não pertence aquela classe social atrasada, e que não fazem parte daquele grupo desprestigiado, a partir daí que surge o preconceito linguístico. Coincidência ou não a palavra “padrão” e “patrão” tem origem da mesma palavra latina “*patronu*”, em outras palavras, a língua padrão é a língua do patrão (BAGNO, 2006, p. 57-58).

Nesta perspectiva, Marcos Bagno propõe uma discussão acerca da origem das palavras. A nossa língua vem do latim vulgar, sendo assim não provém dos grandes filósofos como Cícero, Horácio ou Virgílio. Mas deste latim vulgar surgiram obras – primas como *Os lusíadas*, *Dom quixote*, entre outros (BAGNO, 2006, p. 40).

Bagno ainda analisa que em palavras que sofrem rotacismo pelos falantes da língua fora dos padrões haja semelhança com a sua origem latina. Camões um dos maiores poetas da língua portuguesa usa em “Os Lusíadas”, palavras como “frautas” e “ingrês”, o que se aproxima mais da norma não – padrão (BAGNO, 2006, p. 57-58).

A palavra “alho” em francês se escreve “ail”, porém se pronuncia “ay”, o que evidencia a aproximação com o português não - padrão. Assim como abelha, em francês se escreve “abeille”, no entanto, sua pronúncia é *abéy*, o que se aproxima mais de “abeia”, ou seja, da norma desprestigiada da língua. Desse modo, pode-se afirmar que a língua não-padrão é muito mais próxima do latim vulgar que originou todas as línguas cultas de origem latina (BAGNO, 2006, p. 57-58).

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS: O PRECONCEITO CULTURAL E LINGUÍSTICO

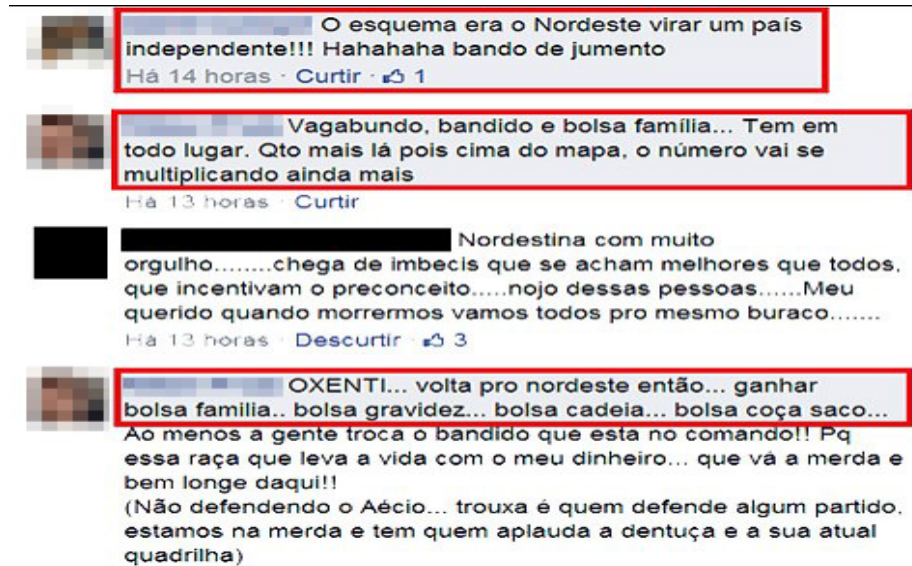
As eleições de 2018 foram marcadas por uma onda de revolta contra os nordestinos na Internet, os principais ataques surgiram das regiões Sul e Sudeste classificadas como economicamente desenvolvidas.

Diante disso, a xenofobia é trata-se da aversão ao estrangeiro. Ela pode ser caracterizada como um preconceito ou como um transtorno psiquiátrico. Depende muito do contexto em que ela estiver sendo utilizada, no caso dos nordestinos, é uma forma de preconceito e racismo. O brasileiro sulista tem um preconceito, muitas vezes implícito em relação ao Nordeste, e entendam que os habitantes do nordeste são uma sub-raça ou, em última análise, um povo miserável sob todos os aspectos, inclusive desinformado e culturalmente inferior.

O ódio contra Nordestinos e negros, como já mencionado anteriormente, não é algo novo, mas vem desde o Brasil colônia. Logo abaixo verificam-se imagens de internautas em redes sociais evidenciando a Xenofobia contra os habitantes do Nordeste e Norte.



### Imagem 1 - A Evidência do Preconceito

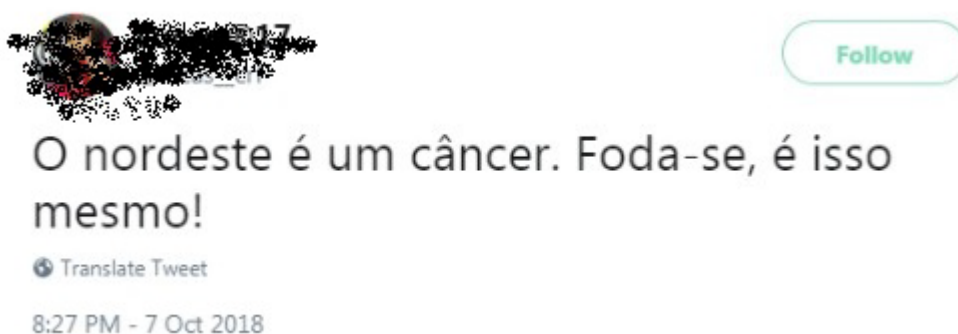


Fonte: Facebook

As imagens mostram de forma nítida que o preconceito contra o Nordeste continua vivo e assustador. As redes sociais, como o Facebook, se tornaram um dos principais meios de propagação da xenofobia.

Nas eleições de 2018, o chamado crime de ódio tornou-se aparente nas redes sociais, inúmeros foram os xingamentos direcionados aos habitantes do Norte e Nordeste por ter dado preferência a uma candidata mulher nas eleições presidenciais desse ano.

### Imagem 2 - O Preconceito escancarado contra os nordestinos



Fonte: Twitter - Eleições 2018.

São consideradas minorias sociais aqueles conjuntos de indivíduos que histórica e socialmente sofreram notória discriminação. Em a Divina Comédia Dante Alighieri indaga: “quem você, tão presunçoso, pensa que é para julgar de coisas tão elevadas com a curta visão de que dispõe?”

Com relação aos resultados das urnas para presidência da República de 2014, o advogado Leonardo Sarmento publica em seu artigo (<https://www.brasil247.com/blog/o-impeachment-e-a-questao-do-odio-aos-nordestinos>) a seguinte teoria:

“o ódio que se forma nas regiões mais desenvolvidas do país por verem frustradas suas vontades democráticas contra os "nordestinos" não é algo que se revele minimamente defensável para se tolerar. Em uma democracia cada cidadão tem direito de expressar-se nas urnas nos termos de seu maior ou menor discernimento da realidade e deve ser respeitada a inteligência de sua escolha, seja ela fruto de uma percepção mais ou menos apurada da realidade”.

Sarmento ainda alega que:

“[...] a questão dos nordestinos abordada reafirma-se a necessidade de investimentos maciços em educação, um déficit histórico que deve ser superado em nome da igualdade de condições que o povo nordestino merece como um dos grandes responsáveis pela construção do nosso país. Secessão, como aduzido, é algo impalatável e imponderável, inclusive sob o aspecto jurídico”.

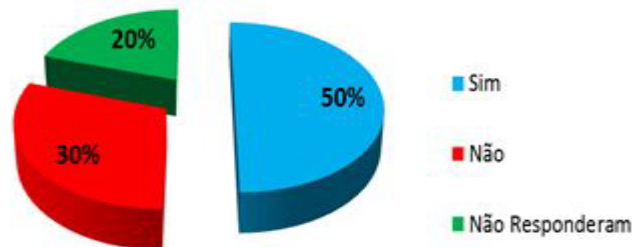
Imagem 3 - Negação Cultural



Fonte: Facebook

Gráfico 1 - O Preconceito Linguístico

GRÁFICO 11 - OPINIÃO SOBRE PRECONCEITO NO BRASIL EM RELAÇÃO A QUEM NÃO FALA A LÍNGUA PADRÃO



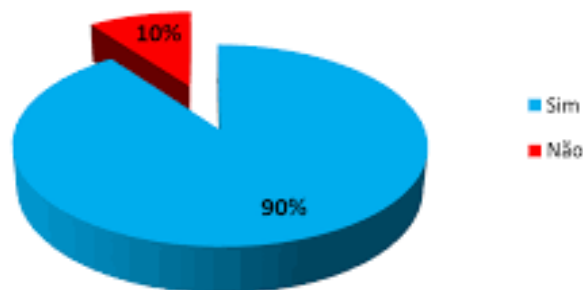
Fonte: ROCHA, 2012.

Diante dos resultados apresentados no gráfico, percebe-se que a metade da população brasileira apresenta preconceito linguístico.

Dessa forma, Para William Labov (1972), a comunidade de fala para o modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente iguais, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. LABOV, 1972; GUY, 2000).

Gráfico 2 - O Domínio da Norma-Padrão

GRÁFICO 8 - CONCORDÂNCIA DE QUE PARA HAVER UMA ASCENSÃO SOCIAL É NECESSÁRIO QUE HAJA UM BOM DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA



Fonte: Brasil Escola

Partindo desse pressuposto Labov (1982, p.78) afirma genericamente que “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração”. Labov (1982) aponta ainda:

Um cenário em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes da classe média (e estes, por sua vez, uma maior frequência do que os da classe baixa) apontariam para uma situação de variação estável; enquanto que os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ou das seções mais elevadas da classe operária (cf. LABOV, 1982, p. 77-8).

Em virtude disso, entendemos que é de considerar, como já mencionado, ódio não se limita apenas pelo fato da maioria dos nordestinos terem escolhido uma opção diferente na política, mas devido ao atraso econômico que o Nordeste apresenta, bem como ao pouco acesso à escola por uma parte considerável da população, em que não teve acesso a uma educação de qualidade, ocasionando pouco acesso a língua padrão. Os paulistas e sulistas se consideram como economicamente evoluídos, sendo o Nordeste e Norte regiões apontadas como ignorantes e desinformadas, como também, responsáveis pelo atraso econômico do país, temos que considerar que tal delimitação se aproxima de atos fascistas.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do exposto, pode-se entender que ainda nos dias de hoje o preconceito linguístico e cultural encontram - se de forma escancarada, principalmente em redes sócias, onde a intolerância evidencia-se. Isso devido, as regiões Norte e Nordeste que desde sempre sofreram preconceitos no aspecto social, linguístico e cultural, em que foram caracterizadas como locais subdesenvolvidos e atrasados economicamente.

É relevante destacar que a discriminação não se limita apenas nos aspectos econômicos e culturais, mas também no aspecto linguístico, em que pessoas que falam a norma-padrão são aquelas que possuem acesso à educação de qualidade e que estão no topo da pirâmide social e econômica.

Neste sentido, parafraseando da teoria do linguista Willian Labov (1969), ele defende que os linguistas devem pensar em unir as relações entre o dialeto padrão e não - padrão, um vez que, a língua não é algo definitivo, à medida que a sociedade muda, a língua também acompanha tal transformação.

Com efeito, vale ressaltar que à medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas, quando a língua não se atualiza acompanhando as transformações dentro da sociedade, corre o risco, com o tempo, de desaparecer. Sem dúvidas, as revoluções que ocorrem no âmbito social influenciam significativamente na criação de novas palavras, que gradativamente são adentradas na linguagem. É válido salientar que, como defende a autora, a interação das forças das línguas naturais se renova sem perder a sua base de identidade. É interessante verificar que a inovação lexical se dá pela continuidade, não para no tempo (FERRAZ, 2005, p.219).

Quando adentramos a história do Brasil, os livros de história mostram que a língua portuguesa culta era falada apenas pelas classes mais abastadas da sociedade, ou seja, os portugueses que se instalaram no país, enquanto os escravos e índios tinham sua própria linguagem. Desse modo, é importante ressaltar que, a norma culta também é heterogênea, ou seja, varia tanto quanto a língua não-padrão, isso se deu ao fato que o contato entre as classes sociais mudou a linguagem da elite considerada culta.

Neste contexto, o preconceito existe e não é assumido, pelo contrário, os grandes contrastes sociais presentes especialmente nas grandes capitais são sempre apontados como reflexos da migração em massa e descontrolada, nunca como resultantes da má distribuição de renda ou falta de oportunidades, características comuns no Brasil há séculos.

Em virtude disso, não existe língua certa ou errada, o que existe são variações linguísticas. Há o português padrão, aquele que a gramática normativa impõe como o certo, e há, também, o português não padrão, que trata da língua usada informalmente. O que existe mesmo é o preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**, 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Adriana Freitas da Silva et al. **Dos falares do Brasil ao falar do Nordeste**. 2011. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2019.

FERRAZ, Aderlande Pereira. **A Inovação Lexical e Dimensão Social da Língua**. Belo Horizonte: UFMG-FALE. 2005.

GOMES, Sueli de Castro. Uma inserção dos nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. **Imaginário-USP**, 2006, v. 12, n. 13, p. 143-169.

LABOV, William. *The Logic of Nonstandart English*, 1969.

\_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (Eds.) **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins: p. 17-92, 1982.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **‘O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil’**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 225 p.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Cultura Brasileira: da diversidade à desigualdade**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-brasileira-diversidade-desigualdade.htm>. Acesso em: 14 abril 2016.

SARMENTO, Leonardo. **O “impeachment” e a questão do ódio aos nordestinos 2014**.

Disponível em:

<http://www.brasil247.com/pt/247/artigos/158436/O%E2%80%9Cimpeachment%E2%80%9D-e-a-quest%C3%A3o-do-%C3%B3dio-aos-nordestinos.htm>. Acesso em: 20 nov. 2019.

**MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES**

<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>O PRECONCEITO CULTURAL E LINGUÍSTICO ENRAIZADO ENTRE REGIÕES DO BRASIL</b>
<b>RECEBIDO</b>	30/04/2020
<b>AVALIADO</b>	03/05/2020
<b>ACEITO</b>	18/07/2020

<b>AUTOR 1</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Juscélia Santos Xavier
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Universidade do Estado da Bahia - UNEB
CIDADE	Entre Rios
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Bacharela em Administração pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Especialista em Gestão Pública pela Universidade Aberta do Brasil - UNEB/UAB. Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual de Monte Claros - UNIMONTES. Especialista em Língua Latina e Filologia Românica pela Faculdade Única - Grupo Prominas.
CONTRIBUIÇÕES DO AUTOR NO ARTIGO	Autora

Endereço de Correspondência dos autores	<b>Autor 1:</b> <a href="mailto:jusceliajuh.santos@gmail.com">jusceliajuh.santos@gmail.com</a>
---	--